

Editorial

Esta vigésima sexta edição da revista *Mediação* traz como dossiê temático *As cidades e suas representações*. Talvez a reflexão sobre as cidades seja uma das mais abrangentes na vida social. Tomadas como objeto de estudo tradicionalmente em disciplinas como a Sociologia, o Urbanismo, a Arquitetura e a Antropologia Urbana, contemporaneamente vem sendo destacada também pela Comunicação. Assim, ao lado de estudos que refletem sobre as formas de organização do tecido urbano e da inserção do sujeito em seu espaço, teremos discussões provocadas pela construção imaginária das cidades dentro da Indústria Cultural. Produções artísticas como filmes, letras de músicas e o universo virtual da internet representaram distintas visões do espaço urbano que nos permitirão compreender melhor sua organização e a forma de lidarmos com ele.

A experiência do *flâneur*, discutida por Benjamin em seu estudo sobre a representação da Paris do século XIX na obra do poeta francês Baudelaire, é radicalmente alterada na contemporaneidade. Se no século XIX e início do século XX as cidades ofereciam ao *flâneur* ruas e bulevares a serem percorridos para que pudesse olhar para suas construções e ser olhado pela multidão que os povoava, hoje o espaço se fragmentou. Nas cidades modernas era possível ter uma noção do seu todo. Identificávamos o seu traçado, o seu centro, a sua organização. As grandes cidades contemporâneas são convertidas num “arquipélago de enclaves”, expressão cunhada por Nelson Brissac. Nelas, não há um centro nem limites claros. Os espaços, antes bem definidos, se tornam “intersticiais”, dificultando-nos a experiência de compreendê-las como um todo.

As modificações ocorridas nas grandes cidades, promovidas principalmente pelo investimento capitalista, fez com que aparecessem condomínios fechados com uma completa infraestrutura e espaços públicos gentrificados, cujo acesso está condicionado à população de um considerável poder aquisitivo. A parte pobre da cidade ficou circunscrita a favelas com infraestrutura precária. Entretanto, percebemos hoje um movimento de reação a essa inserção desigual dos habitantes no espaço urbano. Um número considerável de associações se formou com o intuito de denunciar a exclusão de grande parte da

sociedade à experiência da cidade, que inclui o acesso democrático ao transporte público, aos eventos culturais, às moradias dignas, às praças que a compõem. Da experiência contemplativa da *flânerie* passamos à práxis do direito à cidade.

As contribuições teóricas para a temática desta Edição se iniciam pelo artigo *Práticas comunicativas e representações do urbano por jovens de contextos rurais brasileiros*, de Ricardo Duarte Gomes da Silva, que apresenta modos pelos quais práticas comunicativas de jovens em contextos pobres do meio rural brasileiro configuram formas de lidar com a representação da cidade. O autor demonstra apoiado pelas noções de circulação e mediação que, por décadas, as práticas comunicativas fomentaram representações da cidade. Os relatos mostram as falas de jovens rurais que levam à compreensão de como as narrativas das mídias de massa e *online* estimulam diferentes representações do universo urbano.

Em consonância com as abordagens ao dossiê, as autoras Letícia Alves Lins e Francine Altheman problematizam as relações entre empresas patrocinadoras do Circuito Liberdade e as práticas sociais no artigo *As estratégias do Circuito Cultural Liberdade e as táticas dos públicos: acontecimentos, atravessamentos e resistência*. A partir do exercício conceitual de Rancière (2015) e da expressão “públicos” trabalhada por Dewey (2004) e Quéré (2003), questionam a convivência de um “comum partilhado” e de vários pequenos “comuns exclusivos” e, por vezes, excludentes. O texto demonstra que, para além do processo contemporâneo de espetacularização das cidades e os resultados da patrimonialização, se realiza uma relação de luta e de resistência por parte dos cidadãos, reconstruindo o local como um espaço público.

No artigo *Rio de Janeiro, cidade-mercadoria: construções narrativas da cidade hiper-real em 1000 places to see before you die*, Ana Teresa Gotardo aborda o documentário seriado de origem estadunidense e discute sobre os clichês que vendem a metrópole carioca como cidade hiper-real para consumo turístico. Num momento em que o Rio de Janeiro é permeado por representações da violência na mídia, o documentário exclui a pobreza, a favela e até parte da geografia da cidade, restringindo seu consumo à Zona Sul e constrói uma representação que é corroborada pelo olhar estrangeiro.

Thays Assunção Reis, no artigo *Região das Notícias: um estudo da representação regional nas páginas do jornal Correio*, estabelece uma análise de conteúdo das matérias publicadas no jornal *Correio*,

impresso produzido em Marabá (PA) durante o mês de janeiro de 2018. Baseando-se nos conceitos de “regionalização” e “região jornalística”, a autora mapeia as cidades noticiadas e identifica a origem dos textos produzidos, formando uma “região das notícias” que alcança cinco das mesorregiões do Pará, cujo recorte espacial prioriza a tematização da violência.

Os usos da tecnologia que geram camadas de informações agregadas ao espaço urbano, alterando a realidade vivida em um híbrido em que não distingue claramente as barreiras entre o real e o ficcional são tratados por Marcela Alves de Almeida em *Jogos ubíquos: hibridismo entre realidade e representação*. A autora argumenta que as bases tecnológicas dos jogos estão inseridas em um contexto social a guiarem o seu desenvolvimento, apoiada nos conceitos de representação, simulação, hiper-realidade. O artigo expõe os jogos ubíquos como uma possibilidade de reconciliação entre o real e a representação preenchendo a lacuna entre a abstração, os processos de racionalização e a experiência.

Expandindo o escopo temático para a frequência das redes digitais, o texto de Laura Roratto Foletto, *Usos sociais do Facebook por migrantes brasileiros na Suécia: os grupos na construção identitária*, apoia-se no pensamento de Martin-Barbero e Woodward sobre mídia, sociedade e questões identitárias, pautando-se em pesquisa qualitativa, entrevistas *on-line* e observação de grupos temáticos para tentar analisar os usos sociais do *Facebook* por sujeitos migrantes como práticas de apropriação em formas de se conectarem a fim de construir e negociar suas identidades.

Ecoando com o texto antecedente, Wesley Moreira Pinheiro e Danilo Postinguel apresentam uma análise métrica sobre o potencial de influência de consumo e engajamento em torno de campanhas publicitárias no artigo *O desempenho de Whindersson Nunes na promoção de campanhas publicitárias e no engajamento pelo YouTube*, às quais o referido *youtuber* figurou como garoto propaganda. A abordagem dos autores mensura visibilidade, popularidade, engajamento e discute a capacidade de influência do *youtuber* perante os consumidores, entabulando diferenças entre o comportamento das redes em cada campanha.

Na passagem do pensamento de autores críticos e da semiologia para o campo cinematográfico, Pedro Vaz Perez, apresenta problematizações de Gumbrecht em conversação com Christian Metz sobre os estudos de linguagem na contemporaneidade, acolhendo as

proposições de Hjelmslev acerca da oposição entre conteúdo e expressão. O artigo *As materialidades no cinema e as possibilidades de construção do sentido: um estudo a partir de São Bernardo*, de Leon Hirszman, aventa quais as possibilidades de se considerarem os processos de distensão entre significante e significado nos estudos de cinema.

Um especial agradecimento ao trabalho dos colegas na consecução desta Edição, aos Diretores da FCH Professor Antônio Marcos Nohmy e João Batista de Mendonça Filho; à Coordenadora do Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade FUMEC, Professora Astréia Soares; ao Coordenador do curso de Publicidade e Propaganda da FCH, Professor Sérgio Arreguy; ao Professor Ismar Madeira, Coordenador do curso de Jornalismo da FCH; a Alessandra Nardini, criadora da capa desta edição; ao designer gráfico Daniel Washington e a todos os professores e profissionais envolvidos nesse árduo, porém gratificante, processo de editoração da Revista Mediação.

Boa leitura!

Rodrigo Fonseca e Rodrigues
Luiz Henrique Barbosa
Editores